



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 8, v. 1 nov.2017.-abr. 2018
p. 418-428.

Os sons que eu soo

Dora Moreira Barreto ¹

RESUMO: O presente texto parte de situações de escuta e fala em espaços urbanos para repensar a noção de Paisagem Sonora através das discussões raciais, de gênero, sexualidade e suas interseccionalidades. Conversa com os estudos dos sons a fim de repensar o debate entre ruído e silêncio fazendo uma torção para questões de escuta e silenciamentos, propondo desde uma escrita de si uma ausculta do outro.

PALAVRAS-CHAVE: silêncio; paisagem sonora; interccionalidades.

Abstract: The songs that I Sound is a text that talk about situations of hearing and talking in urban spaces to rethink the ideia of soundscape between discution of raciality, gender and sexuality and his interseccionality. Talk with soundstudies to rethink the debate around noise and silence translate to questions of listening and silencings, making an auscultating of the other since a self-writing.

Keywords: silence; soundscape; interseccionalities.

Resumén: El texto presenta situaciones de habla y escucha en espacios urbanos para reconsiderar la idea de Entorno Sonoro de los debates raciales, de género, sexualidad y sus intersecciones. Dialoga con los estudios de los sonidos con vistas a reconsiderar el debate entre ruido y silencio haciendo una propuesta de desplazamiento para cuestiones de escucha y silenciamiento, proponiendo una escritura de si desde la *ausculta* del outro.

Palabras clave: silencio; entorno sonoro; intersecciones.

¹ Formada em jornalismo pela Universidade Federal do Ceará e mestra em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense.

Recebido em 11/09/17

Aceito em 29/10/17

Pista em junho de 2017, começou um ciclo de oficinas no espaço Capacete, na Glória, Rio de Janeiro. Chama-se Sobre Como Amolar Facas. Nesse primeiro momento, Cíntia pediu que ficassemos em círculo. Ela fazia algumas perguntas e a cada vez que a resposta fosse sim, cada pessoa deveria dar um passo à frente.

“Quem nunca sofreu racismo?”

“Quem nunca precisou estudar em escola pública?”

“Quem nunca sofreu LGBTfobia?”

“Quem nunca sofreu machismo?”

“Quem já teve a oportunidade de morar fora do seu país natal?”

“Quem domina mais de um idioma fluentemente?”

Dentre outras.

Pista A primeira vez que escutei “que desperdício” na rua foi, *coincidentemente*, a primeira vez que não era carnaval e eu beijei uma mulher nas ruas do Sudeste, embora já residisse por aqui há mais de um ano. Estava com amigos em um samba que frequentávamos na Cruz Vermelha, encostada em um carro com Pam, quando as piadas de dois homens, encostados do outro lado do carro, tornaram-se insuportáveis e resolvemos nos afastar. Só agora, escrevendo, associo esse fato ao fato de dez minutos depois ter ido beijar um rapaz.

Pista No limite entre a Glória e a Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, re!existe desde fevereiro de 2016 a Casa Nem, reduto de corpos que são excessos, restos e sobras da nossa sociedade. Corpos transvestigêneres, que rejeitam não só o binarismo como quaisquer classificações patriarcais, brancas e cisheteronormativas que designam gêneros. Em oposição aos processos gentrificantes, a invasão e posterior ocupação desse espaço me chega como uma desqualificação e uma anti-pacificação. A Casa Nem existe como espaço fundado no amor entre nós que a habitamos, mas também numa declaração de guerra das transvestigêneres ao *cistema* massacrante. Não será mais um massacre: resistiremos. No dia 2 de outubro desse mesmo ano, cheguei à Casa Nem com o coração em chamas pela boca de urna que apontava Marcelo Freixo como segundo colocado para a prefeitura do Rio de Janeiro. Caminhava para encontrar as amigas que haviam composto a campanha de Indianara Siqueira para a vereância do Rio de Janeiro. Luciana, transvestigênera negra e puta, contava que havia passado o dia chorando. Com um nó no pescoço e investida de empatia, sorri e a abracei. "Você não sabe, porque



você não é travesti". Continuou contando que eu não sei o que é passar sempre pela polícia sabendo que vai no mínimo levar um tapa, o que é ter medo de ir até a esquina de casa e ser humilhada. Contaminada e empestada pela vivência marginal dessas mulheres, me ponho ao lado delas e grito *nós*, mas nós é sempre *menos um*. Não somos e jamais seremos todos travestis. Não seremos todos negros, todos mulheres. Jamais seremos todos terceiro mundo.

Pista Voltávamos do Engenho de Dentro em bonde após a última das encontros, quando falei sobre ter descoberto a fórmula mágica para não ouvir cantadas na rua e Sara Elton completou: fones de ouvidos.

Pista “Você tirou a cor do canto da Juçara, Dora.” Alertou o professor Kaciano Gadelha, na minha banca de dissertação, ao comentar uma parte do trabalho que o incomodou, quando eu escrevia para a cantora Juçara Marçal aproximando seu canto da noção de *infracino* de Duchamp e de *afecto* em Deleuze e Espinoza. A crítica era que eu não havia conseguido fazer, naquele momento do texto, o giro que Spivaak e Kilomba faziam com a filosofia européia. “Dora, você tem que se cortar.”

O mesmo professor, também cearense, afirmou que tinha certeza que a Dona Mariazinha, que fazia faxina em sua casa e veio do Nordeste para isso, tinha uma peixeira, mas que eu, que tinha vindo para o Rio de Janeiro fazer uma pós-graduação, ele não sabia. Sim, eu tenho uma peixeira. Mas não se trata, como lhe respondi, de medir o tamanho da minha peixeira e o de Dona Mariazinha.

Pista Em conversa com Dejany, grande amiga, acerca do seu processo na especialização de gestalt terapia, contava de um exercício de mentalização na qual se visualizou dentro de um lugar escuro, úmido e que podia sentir um balanço constante. Enquanto ela descrevia, eu interrompi:

- O famoso útero, né.
- Não. Um navio negreiro.

Pista No dia em que descobri que meu pai estava com câncer de próstata encontrei Tertu na Lapa. “O meu também, mana, mas eu não falo com ele, porque ele não quer filha travesti. O seu pai deu o cu?”, ela perguntou. “Que eu saiba, não. O meu é um cabra macho branco, mas ainda assim sou apaixonada por ele e morro de saudades quando estou aqui.”, respondi. “Eles estão doentes porque não deram o cu. Dar o cu previne câncer de próstata, sabia? Vamos escrever sobre isso? Eles não patologizam a gente? Vamos patologizar a cisheteronormatividade.”. Um *outro outro*, como nos fala Tertu: “não se nasce mulher, torna-se traveca”. (LUSTOSA, 2016, s/p)

Pista Foi Cíntia quem gritou da platéia: *é nós menos um*, quando Jota, na performance-falatório *A Ferida Colonial Ainda Dói* (2016), dividiu conosco seu incômodo em usar o termo *nós* ali, no



Capacete, onde, de um lado, nos amontoávamos com nossos corpos desorganizados e, de outro, alguns estrangeiros ligados ao espaço sentavam-se e interrompiam frequentemente a performance com perguntas. Jota furava seu dedo com uma agulha enquanto marcava com seu sangue algumas regiões do mapa e relatava sua experiência nesses países. Na mesa, outras tantas agulhas para quem quisesse também se furar e também intervir no mapa-múndi. Uma proposição de coletividade: “Para não ficar um *vamos colorir juntos*, aviso que furei meu dedo em todas as agulhas antes e que não conheço o meu sangue. Fiquem à vontade.”. Disse ela, instaurando um perigo anunciado, a contaminação.

Pista Naquele dia em que eu vinha sangrando muito das lutas contra o patriarcado e uma *Outra* mulher me acolheu, quando me percebi querendo combater o patriarcado reforçando racismo. Seguimos para a *encontra* e nesse dia não consegui falar absolutamente nada nas quatro horas que se sucederam. Chorava muito, mas não era isso. Não conseguia falar e, vez por outra, precisava abrir a boca e emitir algum ruído para ter certeza que minha voz ainda estava ali. A cada vez que a escutava, se por um lado algo me confortava ao me escutar, algo me levava a temer ainda mais que a qualquer instante eu emudecesse. Me convenci que a esofagite erosiva estava tão grave que me deixava rouca a um ponto de justificar o pânico da perda da voz.

Arapuca

A gente, que vem do nordeste, tem uma peixeira na bainha. Disse Cíntia numa das encontras de sexta-feira, questionando a si mesma acerca de sua possível agressividade em um debate que havíamos presenciado no Seminário Hélio Oiticica, na quarta-feira. Desde que ela nomeou e materializou esse jeito de estar no mundo, eu tenho uma peixeira muito específica na cabeça. Ela tá muito enferrujada, já sendo toda cor de um cobre muito feio formado por um amontoado de ferrugens, e é muito larga. O cabo, que de tão velho quase não existe mais, é feito por uma borracha preta em fio grosso que o envolve todo. De alguma maneira há também algum fio vermelho, não sei como. Imagino essa peixeira como a de um antigo morador da fazenda da família do meu pai, em Pedra Branca, Tico. Um dia ele bateu em seu enteado, Diego, sete vezes (meu número da sorte) com uma macaca - um chicote muito grande que se gira e roda no chão para aboiar o gado, não sei se você conhece. Eu não sei explicar a sensação que eu tinha e trago dele, que preenchia todo o meu imaginário moldado pelas telenovelas da Rede Globo do que seria um negro escravizado. Por outro lado, me dava uma certa ojeriza e um medo, que eu associava à sua agressividade e ao fato de eu



saber que batia nos enteados e na companheira. Lembro que ele comia em uma enorme bacia, e eu sempre me perguntava como ele não engordava já que eu àquela altura andava às voltas com a cobrança de ser uma pré-adolescente mais magra. Não tenho certeza se essa peixeira existiu, se a dele era mesmo assim, ou se eu fantasiei, o que é irrelevante, já que essa é a peixeira que inventei e que carrego comigo, tentando estar sempre muito atenta à passagem infra-fina entre o momento em que preciso deixá-la de canto para não perpetuar opressões, em que tenho que mostrá-la diante de uma ameaça e o momento extremo em que se faz urgente usá-la. Ora por mim, ora por todas nós. Ora emprestando-a a uma de nós, ora olhando nos olhos eu-também qual cúmplice, ora num lance muito rápido e por vezes automático, em que sei que o meu sangue também jorrará junto com o do então inimigo. Preciso não esquecer que ganhei - no duplo cearense onde 'ganhar' também serve para 'furtar' - essa peixeira de Tico. Preciso não esquecer das vezes em que a usei simplesmente para me cortar. Saber sangrar, para que, como você propõe, possamos experimentar a sobrevivência de outras formas que não as maneiras que nos foram destinadas.

A provocação de Kaci reverbera me levando a pensar que papel se deve desempenhar uma vez que se está dentro da academia. Para os outros professores da banca, os giros que eu fazia na teoria europeia eram suficientes. Para que eu mesma pudesse continuar na academia, eles eram suficientes. Não eram para aquele professor, e parecem não ser para os que, naquele círculo, posso enxergar quando olho para trás ou para mais longe (do outro lado da roda). Trazer a peixeira para a conversa, para além de sua força como instrumento de militância e sobrevivência, é puxar a linguagem e me deparar com todas as vezes em que precisei explicar para alguém aqui embaixo que não era por mal ou por indelicadeza que eu falava daquele jeito, *é que a gente no nordeste fala assim mesmo*. Essa peixeira é também a agulha com que tatuei *armaria* no meu punho, para não docilizar a maneira de falar. O que a fala de Kaci provoca em mim é um não poder, para a minha sobrevivência, para não deixar domar a minha própria língua, domar a uma outra, ser desleal a um canto que tem cor. Como forjar alianças?

Dentre as camadas das histórias narradas acima, busco extrair aqui uma camada sonora que parte da fala para dobrar-se sobre a dimensão da escuta. Este texto é um experimento de escrita corporal desde o som. Ele quer misturar, mixar essas pistas como um som cru, caótico e ruidoso que poderia se aproximar do noise, mas prefere reivindicar para si o couro da alfaia, porque vem rasgando cem mil gritos engasgados: gritos que não pude dar, silêncios que provoquei e silenciamentos com os quais não sei lidar. Gritos que pude escutar mesmo sem ouvir ou sem serem sonados, mas sobretudo gritos que soaram e aos quais não dei ouvidos. Transita entre fala e escuta, revirando



inevitavelmente as noções de silêncio. Aqui, não remeto só a noção clássica de silêncio, como ausência de som, mas também às proposições eurocêtricas e norte-americanas acerca do silêncio que foram se desenhando ao longo do século XX e ressoam e se atualizam no século XXI. Degluto autores determinantes para o pensamento contemporâneo acerca do som: Cage (1995) e Schafer (2011) para colocar em diálogo com eles uma perspectiva sudaca, feminista, LGBT+ em prol de uma escuta que se deixe atravessar também por questões de *corpas* dissonantes. Pensar o som e sua propagação para além da física, mas em uma outra dobra física: o que se desloca na escuta, na emissão e no silêncio desde um corpo físico, marcado e marginalizado, que emite ou que escuta? Que lugares esses corpos ocupam na paisagem sonora dos espaços na contemporaneidade? Ou melhor: que paisagem sonora é reservada a tais corpos? E, além, podemos furar tal paisagem, subvertê-la, habitar espaços sonoros que não são reservados para nós? Como?

Retomo como pistas cada uma dessas situações mediadas pela fala, escuta e silêncio no exercício de politizar a ferida, como propõe Jota Mombaça, entendendo que os processos de escavação de si e de rememoração contra o esquecimento que faço neste texto são maneiras de adentrar os abismos sonoros e os buracos que os pensamentos acerca do som e as experiências de escuta abrem em mim. Politizar a ferida é um movimento ligado a apropriar-se de uma potência, mas que também incorre em devolver o desconforto, percebendo as questões sistêmicas que envolvem cada um dos buracos que não consigo habitar. O que intento ao trazer minhas histórias é atentar para as tradições de silêncio que experienciamos através do medo. E aqui me arrisco em muitos sentidos: o momento em que escrevo é o momento em que elaboro a minha experiência como mulher, bissexual e nordestina nos espaços ditos públicos do sudeste, mas é também quando apreendo, pensando com Kaci, Deja e Grada Kilomba, a urgência em racializar a minha própria experiência; momento em que apreendo com Jota e Luciana a situar a minha cisgeneridade. Penso, junto com Jota, se seria possível escrever também com as frequências inaudíveis das quais ela nos fala quando propõe uma descolonização da escuta.

Inaudíveis, os infrasons e ultrasons não podem ser captados pela escuta humana, de modo que, em relação a essas frequências, somos todos como surdos. Isso não significa, de modo algum, que elas não existam, que não se manifestem e não componham a paisagem sonora do mundo. (MOMBAÇA, 2015, s/p)

Tratam-se, de um modo geral, de frequências abaixo de 16 Hz e acima de 16.000 Hz. O que se move no mundo e faz vibrar o ar menos que 16 vezes por segundo não é considerado som para o ouvido humano. Já os animais, dotados de uma outra escuta, se comunicam por esses sons: Os mocergos, por exemplo, emitem constantemente durante o seu vôo assobios e gritos ultra-sônicos



inaudíveis ao ouvido humano. Trazer essa noção é propor, aliado à idéia de Preciado (2014) de que o feminismo não é um humanismo, que para a paisagem sonora do nosso contexto histórico-social as nossas vozes são silenciadas, tidas como infra-sônicas. Vivemos cotidianamente o que Schafer assinala como o terror da câmara anecóica: “fala-se e o som parece despencar dos lábios para o chão. Os ouvidos se apuram para colher evidências de que há vida no mundo”. (SCHAFER: 2011, p. 118) São as evidências da nossa própria vida que os nossos ouvidos precisam apurar-se para escutar. Questionamos nossa própria existência e somos tomadas por loucas quando, por outro lado, diante da perturbação de escutarmos nosso sistema nervoso e nosso sangue circulando enquanto vemos o som despencar de nossos lábios para o chão, gritamos e assobiamos. Para o patriarcado racista cisheteronormativo a vibração de nossos corpos e cordas vocais são ultra-sônicas e, agora, por mover demais, vibrar demais o ar, também não são escutadas.

Fomos socializadas para respeitar mais ao medo que às nossas próprias necessidades de linguagem e definição, e enquanto a gente espera em silêncio por aquele luxo final do destemor, o peso do silêncio vai terminar nos engasgando. (LORDE apud RIBEIRO, 2016, s/p)

Sabemos que o que pode parecer uma metáfora alegórica é a realidade de nossa experiência: não falta a voz a quem está oprimido, o que falta é a quem tem o privilégio, a escuta. O privilégio não só fala sem parar, mas também é ensurdecedor para quem o detém e parece que, assim como com o passar do tempo os seres humanos vão escutando num intervalo cada vez menor de Hertz, o acúmulo de privilégio faz com que os humanos escutem cada vez menos a diferença, o outro.

Ao final das perguntas que compõem a Pista 1 deste experimento-texto-sonoro, mulheres e homens brancos encontravam-se no centro da roda. Mulheres negras habitavam suas bordas. Eu olhava para a frente e via homens e mulheres brancos. Olhava para trás e podia ver mulheres negras. Tratava-se de um exercício de se situar. É daqui que eu falo, pensei eu que, quando começou o exercício, achei que seriam feitas perguntas que colocariam as mulheres negras, como Cíntia, no centro da roda, como num exercício de transformação social. Mas não se tratava de manejar metáforas, chegar a um desconhecido por algo conhecido, e muito menos de hiper-visibilizar o que já está apontado como diferença. Era, antes, normear a norma, escancarar a realidade e tornar nítido: Amolar a faca é aprender que o primeiro corte precisa ser em minha própria carne.

“Portanto, falemos de silêncio. Nós o estamos deixando escapar” (SCHAFER, 2011, p. 116) Quero retomá-lo aqui, antes, para fazer uma distinção entre o silenciar e o ser silenciado. Quando o professor de arte sonora Tato Taborda nos propõe, dentro de um curso de pós-graduação em artes que pensemos desde uma pausa na emissão, trata-se de um silêncio que pode dar a ouvir o que até



então não era escutado. Tenho pensado com Cage (1995) e Schafer afinando-me à questão do silêncio desde uma perspectiva da escuta, a urgência em se escutar o silêncio, tudo o que está nele, o silêncio preenche de sons. Mas o que quero propor aqui, com as frequências inaudíveis, é uma escuta desde o que estava silenciado e poderia emergir nessa pausa. Se esses pensadores brancos dos estudos do som trazem uma questão acerca de uma possível pausa na emissão, quero tratar aqui dos sons que poderiam ser escutados quando alguém autorizado a falar silencia.

Quero propor que na paisagem sonora atual, mesmo essa pausa não possibilita que os sons silenciados sejam escutados e, ao contrário do processo físico com os infra-sons, não se trata aqui de transformar essas falas para que sejam escutadas, mas antes de uma mudança da escuta, iniciando nela um processo de descolonização do qual Jota fala.

“Quem tem a permissão de produzir conhecimento?” pergunta Grada Kilomba. “Que maneira melhor de colonizar do que ensinar o colonizado a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador (MOMBAÇA, 2015, s/p)

Schafer remete ao silêncio como “uma caixa de possibilidades, tudo pode acontecer para quebrá-lo” (SCHAFER, 2011, p. 59). Se não escuto o que se daria a ouvir nesse silêncio, com tudo posso eu mesma quebrá-lo. Mas de que inaudível falo aqui? Aproximo a surdez à qual referi acima da noção de ponto surdo em Jean Michel Vivès (2009), processo através do qual para a constituição da psique há o recalçamento da voz do Outro. Trata-se na psicanálise do recalçamento originário, sem o qual o sujeito não se insere na linguagem. Este Grande Outro, em Lacan, nomeia uma alteridade radical e fundamental para o surgimento do sujeito, que entende esse Outro como terrível e recusa essa alteridade radical.

A voz torna-se inaudita e é enquanto ausência que ela é contornada no circuito pulsional. Neste sentido, quando a voz encontra-se inaudita, o Outro não responde ao enigmático “Che vuoi?”, “Que queres?”. Caberá ao próprio sujeito cunhar uma resposta singular ao desejo do Outro. (MATTOS, 2012, s/p)

Esse ensurdecimento, na apropriação que faço aqui, torna algumas frequências como que inaudíveis não por uma incapacidade natural, mas pelo que chamarei inaudito, o que nunca se ouviu falar. Escutar as frequências inauditas. Auscultá-las. Não se trata aqui de pensar que poderíamos reverter o recalçamento originário, sem o qual, para a psicanálise, o sujeito não consegue ter voz e o mundo torna-se um ruído enlouquecedor, mas de questionar essa própria fundação do sujeito. Trata-se de pensar que outro *si* poderia se constituir num outro cenário, numa outra linguagem que não se pautado no ensurdecimento para O Outro. Esse Outro, aqui, não apenas como o Grande Outro diante de si, mas, pensando com Spivak (2010) o Outro que é o subalterno, desautorizado a falar; em



Preciado, todas nós como o Outro do humano; com Beauvoir, a mulher como o Outro do homem; pensando junto com Grada (2016), a mulher negra como o Outro do outro.

É pensar o que se funda como sociedade (si) e o que é recalcado, silenciado e invisibilizado dentro da sociedade (O Outro). De que maneira a subalterna, a mulher, a negra, a indígena, a pessoa LGBT, toda aquela que é considerada inumana na nossa sociedade, me dá notícias deste Outro? Pensar as frequências inauditas desde a escuta é buscar o que no silêncio não se ouve, mas também o que a cada som se ausenta. Interessa pensar que frequências são escutadas e que frequências são silenciadas, seja no contexto histórico-social, seja na própria experiência da escuta e da idéia de som mediada por este contexto. É pôr a mover não apenas os conceitos de ruído, som e silêncio, mas os processos que os definem como tal. Trata-se aqui de não mais operar de modo a tentar refazer o sujeito conferindo-lhe inteireza, mas trabalhar a partir de e para a sua fragmentação e inter-penetração, pensando que outra fundação de si poderia se dar.

“- A gente combinamos de não morrer. - Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel.” (EVARISTO, 2017, p. 108) Nesta busca, sigo entendendo que, no momento em que ainda disputamos as nossas existências neste mundo, faz-se ainda necessário e urgente reivindicar como sujeito o corpo que é socializado sempre como o Outro do humano. Há que se reivindicar situações de fala porque a identidade do que é tido como humano ainda pulsa e age, sem precisar ser reivindicada. Há lugares de fala porque há um lugar de cala, porque há lugar de escuta e de ensurdecimento. Como Grada, quando fala da máscara cujo uso era imposto à pessoas negras escravizadas sob a desculpa de que não comessem a cana-de-açúcar, como máscara do silenciamento.

in this sense, the mask represents colonialism as a whole. It symbolizes the sadistic politics of conquest and its cruel regimes of silencing the so-called 'Others': Who can speak? What happens when we speak? And what can we speak about? [...] The Black subject becomes then a screen of projection for what the white subject fears to acknowledge about her-himself [...] The Other is not other per se, it becomes such through a process of absolute denial.² (KILOMBA, 2010, p. 17)

² Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) 'Outros(as)': Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? [...] Enquanto o sujeito Negro se transforma em inimigo intrusivo, o branco torna-se a vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido e o oprimido, o tirano. Este fato é baseado em processos nos quais partes cindidas da psique são projetadas para fora, criando o chamado 'Outro', sempre como antagonista do 'eu'. [...] O 'Outro' torna-se então a



Retomo a última pista. A minha voz, ali, parecia como demanda. Foi uma das vezes em que, tendo tentado, não consegui quebrar o silenciamento da minha voz, a tradição de silêncio, e nem mais força, nem mais corda vocal eu tinha. De que maneira eu poderia, ali, retomar a minha voz, tornar a invocar algo nosso? Retomo esta experiência interessando-me pelo que não soava no que eu ouvia da minha própria voz. Quero pensar como daquela silenciosa rouquidão eu poderia extrair um canto, uma resistência. Porque quero pensar, agora, no *canto* não mais como o som afinado dentro de um sistema musical específico, mas como essas frequências dentro do som que não se escutam e que ainda assim, resistem e movem o mundo. O que parece não soar e no entanto ressoa.

Disputo a palavra *canto* por entender que ela abriga a um só tempo uma dimensão sonora e também uma noção de ocupação de espaço - *canto* como lugar, como quina, como usamos tanto no nordeste. *Saber o seu canto*. Assim, Daqui em diante tomarei como *canto* não a voz entoada, mas ora o grito, ora o assobio, ora o que me possibilitava continuar falando mesmo na rouquidão. Mas também o respirar ofegante diante do assédio, o chiado da peixeira amolando, o tilintar da garrafa quebrando para que possamos caminhar pelo Centro da Cidade Colonial à noite. Proponho escutar estes cantos não por seu caráter acústico, mas pelas formas que assumem quando atravessam nossos corpos. Como resistência.

Passo a nomear *Outros Cantos* o que dentro destes cantos ressoa como frequências mortas e inauditas, que embora não soem, ressoam e põem o mundo a vibrar. Outros Cantos como frequências que ressoam dando notícias do que na psicanálise aparece como o Grande Outro. Mantenho o plural, que em oposição a um só Grande Outro e a um só sujeito, esse termo não existirá no singular. Nesses *Outros Cantos* não se trata mais de um canto como um lugar, mas de muitos lugares, que me leva a pensar em uma situação de fala - que aqui não se confunda com uma fala sem lugar. Nós já sabemos, o mundo não tem silenciado para escutar nossos cantos, e nos raros momentos em que pausa para escutar o silêncio, muitas de nós seguimos sendo o silêncio do silêncio. “O centro deve estar oco, porque quando a beira grita, o centro nunca faz eco” (SOUZA, 2013), afirma Estamira.

- Essa escrita-experimento quer se abrir para o risco, na aposta de que nele possa se dar alguma coletividade, que possa ressoar o inaudito. Trata-se de buscar em si a vulnerabilidade para quem sabe fazer passar. Pois há algo que não se escuta, e não se

representação mental do que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo [...] O ‘Outro’ não é outro per se; ele/ela torna-se tal através de um processo de absoluta negação.



trata mais de fingir que no silêncio - na pausa - certos sons poderiam ser ouvido, mas da tarefa impossível de fazer ressoar esses *Outros Cantos* em meio às violências da paisagem sonora. Ainda assim, enquanto arroteio este inaudito, enquanto lhes busco nos sons, nas leituras, nas conversas, retorno e digo: há algo que escapa, que parece estar soando e que no momento em que tento escutá-lo, já não está mais. “É na vulnerabilidade que se abre espaço para a negociação”, disse Miro Spinelli em conversa.

Outros Cantos como o que se daria a ouvir numa experiência de ausculta, que não está mais no jogo entre som e silêncio, ruído e som, sistema tonal e atonal, sistema musical e livre improvisação. Está no imensurável e pode, ainda, ser apenas um rastro de som. Os cacos no chão das garrafas que quebramos depois que fomos embora ressoam, os passos que demos adiante em círculo e os que não foram dados ressoam. A cor sequestrada do canto de Juçara

Referências

- Cage. **Silence: Lectures and Writings**. Hannover: Wesleyan University Press of New England, 1995.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas. 2017.
- KILOMBA, Grada. *Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism*. Auflage: Unrast, 2010.
- LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto Travenco-Terrorista. In: Revista Concinnitas, ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>
- MATTOS, Renata. Piano e voz em Glenn Gould, ou do que transborda na interpretação musical. 2012. Disponível em <https://blogdasubversos.wordpress.com/2012/08/21/piano-e-voz-em-glenn-gould-ou-do-que-transborda-na-interpretacao-musical/> . Acesso em 14/04/2017
- MOMBAÇA, J. Pode um cu mestiço falar?. 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mesticofalar-e915ed9c61ee>
- PRECIADO, Paul B. O Feminismo não é um Humanismo. 2014. Disponível em http://www20.opovo.com.br/app/colunas/filosofiapop/2014/11/24/noticiasfilosofiapop_3352134/o-feminismo-nao-e-um-humanismo.shtml. Acesso em 15/03/2017.
- SCHAFFER, Murray .*O ouvido Pensante*. São Paulo: Editora Unesp,2011
- SOUZA, Estamira Gomes de. **Estamira**. Org. Marcos Prado. Tradução Zazen Produções. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- SPIVAK, Gayatri Chacravorty. **Pode o Subalterno Falar**. Editora UFMG, 2010.
- VIVÈS. Jean-Michel. Para Introduzir a Questão da Pulsão Invocante. Rev. latinoam. psicopatol. fundam. vol.12 no.2 São Paulo June, 2009.

